

# Letícia Mariotto

## **Conte-nos um pouco de sua trajetória. Como começou a trabalhar com iluminação?**

Depois de formada, trabalhei como arquiteta, incluindo coordenação de projetos complementares, mas nunca com lighting design. Gostava demais do trabalho no coração de minha formação, mas, especialmente, o longo tempo do projeto arquitetônico até a conclusão da obra me desmotivava. Nessa época, já havia reencontrado a Cláudia, minha sócia e amiga de infância, que trabalhava como coordenadora na Franco & Fortes e, em 2001, ela me convidou para fazer uma entrevista. Fui contratada; e foi lá que me apaixonei pela iluminação e descobri uma vocação.

## **Você e a Cláudia Borges Shimabukuro trabalham juntas há anos. Como manter uma parceria de sucesso por tanto tempo?**

Quando éramos crianças e nos encontramos nas férias, tínhamos afinidades sólidas em áreas que, hoje vejo, são fundamentais para nossa parceria profissional. Trocávamos cartas com desenhos e tínhamos interesses bastante semelhantes. Perdemos contato e nos reencontramos numa Bienal de Arquitetura. Após deixar a Franco & Fortes, começamos a fazer projetos juntas, e a sociedade foi uma consequência natural. Acredito que princípios, visões estratégicas e o compromisso de corresponsabilidade muito semelhante resultam em confiança e num planejamento profissional que são essenciais para uma parceria harmônica.

## **Que tipo de formação você acredita que um lighting designer deve ter?**



*Sócia da Lit Arquitetura de Iluminação acredita que a formação do lighting designer deve fornecer uma profunda compreensão do espaço.*

*Entrevista concedida a Erlei Gobi*

Acredito que a formação do lighting designer deve, sobretudo, fornecer uma profunda compreensão do espaço, o que, neste ponto, justifica a polêmica resolução 51 do CAU. Mas não é suficiente. O curso de arquitetura ainda é muito superficial nessa disciplina sob o ponto de vista ótico, ecobiológico, da teoria, soluções e tecnologias. Penso que essa formação acadêmica ainda não existe, os profissionais ainda precisam se aprofundar de forma autodidata, muitas vezes empírica.

## **Como vai o mercado de iluminação no Brasil, sob o ponto de vista dos produtos aqui fabricados e da oferta de trabalho para os projetistas?**

Com um acesso quase simultâneo à evolução da tecnologia e do design de produtos na iluminação no mundo, vejo

o mercado nacional evoluindo rapidamente. Mas, embora tenha havido um reconhecimento maior da profissão, ainda vejo um crescimento da busca por projetos de iluminação mais baseado na pressão da crise energética e no atendimento às normas e certificações do que na real percepção da importância e abrangência desta especialização. Basta ver quantos são os projetos de grandes escritórios de arquitetura em publicações de revistas especializadas que não buscam essa consultoria.

## **O mercado brasileiro de iluminação está recebendo muitas empresas e profissionais de outros países. Acha este fenômeno positivo?**

De um modo bem abrangente, acredito que sim. Com relação aos profissionais, acho rica a troca de visões e regionalidades. Com relação aos produtos, é sempre necessário muito cuidado, mas acredito que, na pior das hipóteses, é educativo.

## **Como você vê o futuro do lighting design?**

Vejo uma especialidade cada vez mais abrangente e multidisciplinar, com uma responsabilidade cada vez maior com o planeta, com o ser humano, efetivamente como uma fonte de informação e construção do espaço.

## **Além da iluminação, quais são suas outras paixões?**

Gosto de experiências que me levam a conhecer outras visões e culturas. Obviamente, viajar é a mais intensa delas, mas adoro dança, música e artes plásticas. Ultimamente, também curto muito meu pouco tempo em casa. ◀